

Amadeu de Oliveira Weinmann

Edson Luiz André de Sousa

Liliane Seide Froemming

Organizadores

imagens-textos

ensaios sobre cinema e psicanálise



imagens-textos



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor
Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica
Jane Fraga Tutikian

EDITORA DA UFRGS

Diretor
Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial
Álvaro Roberto Crespo Merlo
Augusto Jaeger Jr.
Carlos Pérez Bergmann
José Vicente Tavares dos Santos
Marcelo Antonio Conterato
Marcia Ivana Lima e Silva
Maria Stephanou
Regina Zilberman
Tânia Denise Miskinis Salgado
Temístocles Cezar
Alex Niche Teixeira, presidente

psicanálise**clínica e cultura**

Coordenação da Série
Amadeu de Oliveira Weinmann
(UFRGS, Porto Alegre)

Maria Cristina Candal Poli
(UFRJ, Rio de Janeiro)

Simone Zanon Moschen
(UFRGS, Porto Alegre)

Conselho Científico da Série

Betty Fuks
(UVA, Rio de Janeiro)

Leandro de Lajonquière
(USP, São Paulo,
e Université Paris VIII, França)

Marco Antonio Coutinho Jorge
(UERJ, Rio de Janeiro)

Nina Virginia de Araujo Leite
(Unicamp, Campinas)

Amadeu de Oliveira Weinmann

Edson Luiz André de Sousa

Liliane Seide Froemming

Organizadores

imagens-textos

ensaios sobre cinema e psicanálise

© dos autores
1ª edição: 2017

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Revisão textual: Verônica da Silva Ezequiel
Revisão editorial: Lucas de Andrade
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Clarissa Felkl Prevedello
Imagem da capa: Comstock Images/Thinkstock
Imagem da contracapa: Moisés de Michelangelo, Piazza di San Pietro in Vincoli, Roma, Itália.

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

I31 Imagens-textos: ensaios sobre cinema e psicanálise / organizadores Amadeu de Oliveira Weinmann, Edson Luiz André de Sousa [e] Liliane Seide Froemming. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.
216 p. ; 16x23cm

(Psicanálise: Clínica e Cultura)

Inclui Referências.

1. Psicologia. 2. Artes. 3. Psicanálise. 4. Cinema. 5. Psicanálise – Clínica – Cultura. 6. Psicanálise – Cinema. 7. Experiência fílmica - Reflexão – Cinema – Sexualidade – Infância – Adolescência – Sonho. I. Weinamm, Amadeu de Oliveira. II. Sousa, Edson Luiz André de. III. Froemming, Liliane Seide.

CDU 159.964.2:791.43

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0366-5

os caminhos da relação pai-filho, através dos olhos de Marcel

reflexões com base no filme *A glória de meu pai*

Milena da Rosa Silva

O filme *A glória de meu pai* (1990), de Yves Robert, conta-nos parte da infância do escritor, dramaturgo e diretor de cinema francês Marcel Pagnol. De maneira muito sensível, ele nos revela, especialmente, sua passagem do início ao fim da infância – o caminho de bebê a homem – através das mudanças na relação de Marcel com seu pai, Joseph. Essa relação pai-filho, em suas sutilezas, capturou meu olhar. É sob esse vértice que irei falar, então, buscando aquilo que podemos refletir sobre a paternidade através desse filme.

Marcel Pagnol nasceu em 1895, tendo vivido sua infância, portanto, na virada do século XIX para o século XX. Acredito ser importante uma contextualização histórica: o que se esperava de um pai nessa época?

Até o início do século XIX, predominaram as sociedades patriarcais e coloniais, nas quais a família constituía-se na pedra fundamental de regulação do sistema, sendo o pai aquele que determinava as regras a serem seguidas (Lamb, 1999). O pai ainda deveria garantir o sustento material dos filhos e treiná-los para o trabalho. Os homens, geralmente, mostravam um profundo interesse pelos seus filhos, mas não era seu papel alimentá-los e cuidá-los, e sim discipliná-los. Até a metade deste século, de acordo com Lamb, os filhos eram vistos como uma possessão paterna e, quando uma união matrimonial era rompida, os filhos do casal permaneciam sob custódia do pai, sendo assumido que os homens podiam providenciar satisfatoriamente o cuidado das crianças até que se casassem novamente ou que os filhos atingissem a adultez. Esse modelo do pai provedor, representante da autoridade e da lei, mas distante afetivamente, se manteve no início do século XX, sendo predominante até os anos 50. Essa visão da paternidade estava de acordo com os padrões sociais da época, em que a família nuclear era composta pelo homem chefe de família, que a sustentava financeiramente, e pela esposa dona de casa.

Embora essa descrição se aplique, em alguns aspectos, à família de Marcel, parece que seu pai não se mostrava tão distante de seus filhos ou do espaço familiar. Seu pai era professor do ensino primário. Quando a mãe de Marcel, que trabalhava em casa como costureira, precisava sair (para ir à feira, por exemplo), Marcel ficava com seu pai na escola. Parecia haver muito carinho expresso na relação pai-filho, embora essa relação fosse se modificando com o tempo. E essa evolução da relação mostrada no filme pode ser uma ilustração do que a psicanálise descreve como o caminho da relação de um filho com seu pai à medida que o filho vai passando de bebê a criança, de

criança a adulto. Sigo aqui as ideias a respeito da paternidade compartilhadas por vários psicanalistas, mas especialmente por Freud e Winnicott.

O início do filme nos mostra o início da vida de Marcel – melhor que isso, o início de sua constituição psíquica, pois nos mostra a união do casal Joseph-Augustine. Em seguida, o nascimento de Marcel e sua primeira infância. O filme não se detém nessa etapa, mas, em nuances, em poucas cenas e frases, nos mostra como se dá a relação pai-bebê nesse momento. Apesar do grande orgulho do pai quanto ao seu filho, esta é uma relação mais distante, mediada pela mãe. Isso fica brilhantemente ilustrado na frase: “Meu pai era 25 anos mais velho do que eu, e isso nunca mudou. Augustine tinha a minha idade”.

No início da vida, a condição de desamparo do bebê leva a uma relação de dependência absoluta da figura materna, ou daquele que cumpre essa função. Conforme Figueiredo (2006), a função paterna – que não se confunde com o papel do pai, mas pode ser exercida por esse – constitui-se, inicialmente, por permitir, proteger e limitar a relação mãe-bebê e o narcisismo de origem. Desempenha, usando a terminologia winnicottiana, a função de dar *holding* à mãe e, mais precisamente, à unidade mãe-bebê. A relação com o pai pode se dar neste momento e pode ser muito intensa, mas o pai atua como uma figura materna substituta (Fulgencio, 2007), inicialmente. Figueiredo (2006) destaca que não fazer isto, e já se inserir atuando a função paterna, seria aparecer como um terceiro invasor.

Assim, neste primeiro momento, a entrada do pai na relação com o bebê é mediada pela mãe. É ela quem autoriza o pai em seu lugar, pois é ela quem está mais próxima do bebê, mais retraída dos estímulos do mundo externo (Winnicott, 2000) – desde que esteja realmente exercendo a função materna.

Idealmente, a mãe, como Augustine, tem a idade de seu bebê, seu psiquismo mais próximo do dele. O pai, por sua vez, está ainda mais conectado ao mundo externo, mantém-se “mais velho”.

A seguir, de acordo com Figueiredo (2006), o pai deve apresenta-se como objeto de investimento libidinal da mãe. O pai é aquele para quem a mãe olha quando não olha para o bebê. Assim, o olhar da mãe para o pai (de admiração, amor, respeito) é que permite que o pai entre – agora efetivamente como pai – na vida da criança. Nesse segundo momento, então, o pai torna-se um ser verdadeiramente poderoso, “glorioso”. É um modelo a ser seguido, e seu amor precisa ser conquistado. No filme, esta mudança na relação fica muito bem ilustrada em várias passagens nas quais Marcel mostra uma admiração crescente pelo seu pai professor, cientista, ateu, livre de vaidades pequenas... Um pai glorioso! Então, as letras aproximaram ainda mais pai e filho. E que satisfação o pequeno Marcel demonstrou ao perceber o orgulho de seu pai por ele saber ler! Marcel conquistou o seu maravilhoso pai pelo domínio das letras.

A função paterna, portanto, cria a possibilidade da triangulação, no interjogo exclusão-inclusão, em que inicialmente o pai fica “excluído” (quando a mãe é o mundo do bebê), e depois o filho é “excluído” (mas então incluído na tríade). Por mais doloroso que possa ser esse sentimento de exclusão, é ele que fornece à criança um ponto de referência e de estabilidade em relação ao qual ela pode experimentar seus impulsos (Fulgencio, 2007). Conforme Winnicott (1980), na ausência de uma terceira pessoa só restam à criança duas alternativas: ser engolido ou se afastar violentamente. Assim, para Winnicott é o pai (ou quem cumpre a função paterna) quem oferece o mundo à criança: há mundo além da relação mãe-bebê. E que mundo Joseph ofereceu a Marcel! As montanhas da *Provence*,

com todos os seus mistérios e encantos. As férias na montanha, próximas à terra de origem de Marcel, foram o cenário de muitos momentos de companheirismo entre pai e filho.

Mas o processo de amadurecimento e de conquista de uma singularidade requer que o pai saia dessa posição idealizada. Isto porque é impossível rivalizar com um pai tão “glorioso”. Não se pode nem mesmo almejar ser como ele. Para que o menino possa sair da condição de “terceiro excluído” e conquistar o seu lugar no mundo, ele precisa destituir o pai de seu reinado. Embora necessário, esse processo pode ser bem doloroso. E o filme nos mostra o sofrimento de Marcel por ver seu pai incompetente como caçador, humilhado por seu tio, um perdedor. Seu pai não era bom em tudo. Aliás, naquele momento, sua sensação era de que o pai era péssimo em tudo, uma vergonha. Além disso, sente-se traído pelo pai, que é cúmplice em uma mentira para deixá-lo fora da grande caçada. Que decepção!

Desapontado, Marcel pôde afastar-se do pai e do tio e aventurar-se com o amigo Lili. “Lili sabia tudo”. Marcel, num movimento que nos mostra os primeiros lampejos do processo adolescente, destituiu seu pai do lugar de todo poderoso e coloca o amigo Lili nesse lugar. Mas Lili tem sua idade, seu tamanho. Conhece tudo sobre as montanhas, mas nada sobre a cidade. Então, Marcel pode ensinar-lhe tudo sobre a cidade.

E a seguir, seu pai consegue caçar duas perdizes vermelhas dos pinheirais. Uma caça rara, que lhe trará prestígio como caçador. Então, Marcel já não vê seu pai nem como Deus – todo-poderoso, onisciente, onipotente –, nem como um total incapaz. Ele pode ver seu pai como humano, como alguém que sabe muitas coisas, não sabe muitas outras, tem virtudes e defeitos. Após conseguir finalmente caçar, Joseph se envaidece com a foto que mostra sua conquista, embora pouco tempo antes tenha criticado um colega que se envaidecia de sua pesca.

“Fiquei surpreso de ver meu super-homem bem mais humano. Senti que o amava ainda mais”, diz-nos Marcel. Para o psiquismo de Marcel, essas falhas do pai implicam que ele, Marcel, pode, sim, ser homem como o pai. Os homens não são infalíveis! Que alívio! Todo esse processo também atua no sentido de ajudar a criança a discernir a fantasia – tão importante no universo infantil – da realidade. Esse pai é muito mais real! E essa possibilidade de diferenciar fantasia e realidade também é fundamental para o amadurecimento psíquico. Conforme nos diz Winnicott (1971, p. 78),

Se uma garotinha nos disser que quer voar, não nos limitaremos a responder “As crianças não voam.” Pelo contrário, devemos agarrá-la e fazê-la girar em torno da nossa cabeça [...] de modo que ela sinta que realmente está voando como um pássaro para seu ninho. Mas logo a criança descobrirá que não pode voar por meios mágicos. [...] Por volta dos 10 anos a criança poderá estar praticando o salto em distância ou o salto em altura, tentando saltar mais longe e mais alto que as outras. Isso é tudo que restará, salvo os sonhos, das sensações tremendamente profundas associadas à ideia de voar que se formou, naturalmente, ao redor dos 3 anos de idade.

Assim, percebemos que o filme de Yves Robert nos apresenta claramente o caminho da função paterna, conforme vista por Marcel em sua relação com seu pai Joseph. E, desde o seu título, *A glória de meu pai* nos remete à importância dos momentos de idealização do pai. Para poder fazer o movimento de “destituir o pai do trono” é preciso que o pai esteja ocupando esse trono. Então nos podemos perguntar: “Será que esta história ainda faz sentido hoje?”

Vivemos uma época de extrema idealização dos filhos, do infantil, do juvenil, em que temos dificuldade de tirar “Sua majestade, o bebê” do trono. Conforme nos alerta Monti (2008,

p. 245), “[...] um trono do qual não se pode descer é mais uma armadilha do que um trono”. E a idealização permanente da infância, essa monumentalização que enfatiza suas infinitas potencialidades, acaba pesando nos ombros de Sua Majestade (Monti, 2008). De acordo com Guerra (2005), assistimos à mudança do “pai-patrão” ao “pai-amigo”. O pai-amigo teme privar o poder de decisão do filho, preservando o “filho rei”. Isso levaria, de acordo com o autor, a uma desmentida das diferenças e das gerações.

Os ideais culturais em relação ao papel do pai estão mudando e apontam não apenas para uma menor colagem das funções materna e paterna às figuras de mãe e pai, ou a questões conjugais e de gênero, mas também para um enfraquecimento da função paterna – tanto de apoio quanto de corte. Isso gera um impasse no interjogo exclusão-inclusão, uma vez que ninguém quer ser “excluído” das satisfações narcísicas da relação com o bebê.

A esse respeito, Rodulfo (2012) apontou que realmente estamos caminhando para um borramento das oposições. E isto vem impactando a relação entre pais e filhos. As diferenças, tanto horizontais como verticais, se tornaram mais difusas, mais próximas da ambiguidade do que de oposições extremas. Assim, os pais mostram-se como não sabendo tudo e, ao contrário, reconhecem que têm muito a aprender com seus filhos. Mas, mais importante do que isso, estão em dúvida, se sentem inseguros em seu papel. Daí decorre que as teorias infantis não são mais apenas sexuais, são existenciais, conectadas às diferenças de classe social, de gênero, às injustiças... Mas Rodulfo (2012) aponta que, embora gere angústia para pais e filhos, isso lentamente está levando a sociedades que convivem melhor com as diferenças em suas sutilezas e nuances, menos regidas por uma lógica de oposição binária.

É preciso destacar que há muitos ganhos, que os pais estão afetivamente mais próximos de seus filhos, e essa relação mais próxima tem se mostrado enriquecedora para ambos. Porém, neste momento de transição, há uma falta de referências que favorece uma “atitude nostálgica” (Rodulfo, 2012, p. 39), que dificulta a busca por novos modelos de relação entre pais e filhos que não estejam em contraste ou oposição ao modelo anterior. Mas isso já é outra história... Marcel pôde encantar-se com os encantos de seu pai, tornando-se assim, também um homem encantador.

Referências

FIGUEIREDO, L. C. A clínica psicanalítica a partir de Melanie Klein. O que isto pode significar? *Journal de psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 71, p. 125-150, 2006.

FULGENCIO, C. D. R. *A presença do pai no processo de amadurecimento: um estudo sobre D. W. Winnicott*. 139f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

GUERRA, V. Cambios en la paternidad: reflexiones sobre algunos efectos en el psiquismo del niño hoy. *Revista de psicoterapia psicoanalítica*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 29-42, 2005.

LAMB, M. E. Parental behavior, family processes, and child development in nontraditional and traditionally understudied families. In: _____. *Parenting and child development in “nontraditional” families*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1999. p. 1-14.

MONTI, M. R. Contrato narcisista e clínica do vazio. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 239-253, 2008.

RODULFO, R. *Padres e hijos – en tiempo de la retirada de las oposiciones*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

WINNICOTT, D. W. As crianças e as outras pessoas. In:_____. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

_____. A preocupação materna primária. In:_____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. A família e a maturidade emocional. In:_____. *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.